

6 – GILL, Chistopher. *Personality in Greek Epic, Tragedy, and Philosophy*. New York: Clarendon Press-Oxford, 1998.

7 – KITTO, H.D.F. *A Tragédia Grega*. Trad. José M. C. e Castro, Coimbra: Ed. Arménio Amado, 1990, vol.2.

8– LESKY, A. *A Tragédia Grega*. S. Paulo: Perspectiva, 1990.

9 -RINNE, Olga. *Medéia: o direito à ira e ao ciúme*. Trad. Margit Martincic e Daniel C. da Silva. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.

10 – RHODES, Apollonios. *Argonautiques*. Paris: Les Belles Lettres, 1995.

12– SANTAELLA, Lúcia. *Semiótica Aplicada*. São Paulo: Ed. Thomson, 2002.

13– VERNANT, Jean P. & VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977.

¹ Tradução da autora

² Píndaro, Pythische Oden IV (Odes pitonisiacas IV). Citado conforme a edição Universal bibliothek, n. 8314, Stuttgart, 1986, p.129. Traduzida por Olga Rinne.

³ Os textos seguidos de asteriscos marcam a tradução da própria autora do trabalho

⁴ Procne e Filomela eram filhas do lendário rei de Atenas Pandíon. Procne era casada com Tereu, rei da Trácia, que apaixonou-se por Filomela, e depois de seduzi-la cortou-lhe a língua e a ocultou para esconder o seu feito. Filomela, todavia, conseguiu reproduzir seu infortúnio num bordado de pano e mandou-o para irmã. Procne, que para vingar a irmã, matou seu próprio filho Ítis e serviu-lhe a carne ao marido. Tereu tentou matar as irmãs, porém foi transformado pelos deuses em uma poupa, enquanto Filomela e Procne adquiriram a forma de pássaros

⁵ O conceito helênico de bárbaro diverge do nosso; bárbaro era todo aquele que não falava grego, que não agia como um grego, enfim que não vivia segundo os moldes gregos. Portanto, Eurípides ao reforçar a nacionalidade de Medéia salvaguarda, ainda que trazendo à cena um tema comum a todas as mulheres, a mulher helênica.

⁶ Fato narrado nas *Troianas*, peça dt3545t3545b e Eurípides apresentada em 415 aC.

⁷ Joana foi a protagonista de Peça *Gota d'água* de Chico Buarque e Paulo Pontes e que teve como referência a peça de Eurípides. Na adaptação à modernidade Joana mata os filhos e comete o suicídio.

Os prazeres em uma taberna romana.

Marco Antonio Abrantes de Barros Godoi - UERJ

Resumo:

Análise da estrutura de composição da poesia “pseudovirgiliana” *Copa* (A Taberneira), uma poesia que exalta os prazeres da vida e o contraste com a morte. Há um discurso e filosofia de vida oposto ao imaginário do tipo tradicional romano. Influência da cultura oriental em Roma.

Palavras-chave: Poesia, prazer, epicurismo, orientalismo.

Introdução:

Neste artigo pretendemos analisar a poesia “pseudovirgiliana” *Copa* (A Taberneira) sob o ponto de vista da estrutura da mesma, observando não só os aspectos formais que a estruturam como um discurso poético, mas também os dados culturais que refletem a sua confecção como obra literária do período vergiliano, isto é, no século I a.C., momento em que a cultura tradicional romana, severa em seus antigos costumes, sofre uma transformação em seu âmago por influência das conquistas, principalmente do Oriente. Não só a Grécia, mas também os Reinos Helenísticos do Oriente, contribuirão para esta transformação cultural; a filosofia epicurista grega, o comércio ampliado pelas conquistas, elementos novos da religiosidade oriental, e sobretudo o conforto material que estas conquistas trarão à Roma, modificarão seus antigos costumes severos e parcimoniosos no que diz respeito aos prazeres do corpo.

Sendo assim primeiramente apresentaremos a poesia em Latim, faremos sua tradução em seguida apresentaremos uma análise explorando a estrutura da mesma e observando os dados culturais presentes em seus versos.

Copa

Copa Surisca, caput Graeca redimita mitella, (1)

crispum sub crotalo docta movere latus,

ebria fumosa saltat lasciva taberna,

ad cubitum raucos excutiens calamos:

“quid iuvat aestivo defessum pulvere abesse? (5)

quam potius bibulo decubuisse toro?

sunt topia et kalybae, cyathi, rosa, tibia, chordae,

et tricia umbrosis frigida harundinibus.

en et Maenalia quae garrit Dulce sub antro

rustica pastoris fistula in ore sonat. (10)

est et vappa, cado nuper defusa picato,
et strepitans rauco murmure rivus aquae.
sunt et cum croceo violae de flore corollae
sertaque purpurea lutea mixta rosa
et quae virgineo libata Achelois ab amne
lilia vimineis attulit in calathis. (15)

sunt et caseoli, quos iuncea fiscina siccant,
sunt autumnali cerea pruna die
castanaeque nuges et suave rubentia mala,
est hic munda Ceres, est Amor, est Bromius. (20)

sunt et mora cruenta et lentis uva racemis,
et pendet iunco caeruleus cucumis.
est tuguri custos, armatus falce saligna,
sed non et vasto est inguine terribilis.
huc, Calybita, veni: lassus iam sudat asellus; (25)

parce illi: Vestae delictum est asinus.
nunc cantu crebro rumpunt arbusta cicadae,
nunc varia in gelida sede lacerta latet:
si sapis, aestivo recubans nunc prolue vitro,
seu vis crystalli ferre novos calices. (30)

hic age pampinea fessus requiesce sub umbra,
et gravidum roseo nocte caput strophio,
formosum tenerae decerpens ora puellae.
A pereat, cui sunt prisca suercilia!
Quid cineri ingrato servas bene olentia certa? (35)

Anne coronato vis lapide ista tegi?"
"pone merum et talos. Pereat, qui crastina curat!
Mors aurem vellens "vivite" ait, "venio"". (38)

A TABERNEIRA

A taberneira Surisca, tendo a cabeça ornada com uma faixinha de seda grega,
move habilmente, sob as catanhetas egípcias, seu corpo flexível,
ébria, dança lasciva na taberna fumosa,
agitando as ruidosas flautas junto ao cotovelo:
"que coisa deleita um cansado a afastar-se do trabalho estival?

melhor do que ter-se deitado em um leito de bebidas?

Existem os jardins, os caramanchéis, as taças, a rosa, a flauta, as cordas,
E os caramanchéis de parreira fescos com seus umbrosos caniços.

E eis esta que canta no Menálio sob a doce caverna,
a rústica flauta que soa na boca do pastor.

Também existe o vinho fraco, recentemente derramado no barril fechado com pez,

O regato ressoante com o murmúrio rouco da água.

E existem as pequenas coroas de flor de violeta com açafrão,

E a grinalda purpúrea alaranjada misturada com rosas,

E os lírios oferecidos pelo rio Aquelou a uma virgem que

Os levou em cestos de vime.

Também existem os queijos que a cesta de junco seca,

Existem as ameixas doces da estação de outono.

As nozes e as castanhas, também as maçãs avermelhadas suavemente,

Aqui também está a pura Ceres, o Amor e o Brômio (Baco).

Existem também as amoras vermelhas e a uva de cachos flexíveis,

E o azulado pepino que pende em sua haste.

Existe também o guardião da choupana, armado com uma foice de salgueiro,

Mas não é terrível o seu imenso membro.

Vem para cá, sacerdote de Cibele: o pequeno asno já, fatigado, sua;

Poupa a ele: o pequeno asno é a delícia de Vesta.

Agora as cigarras rompem os bosques com um canto cerrado,

Agora o lagarto de várias cores oculta-se em sua gélida morada:

Se te apetece, deitado agora, bebe bem em seu copo (de vidro) estival,

E se queres trazer novos cálices de cristal.

Vem para cá, fatigado repousa sob a sombra da videira,

E ata a cabeça pesada com uma fita rósea.

Colhendo formosamente beijos de uma delicada mulher.

Pereça, aquele que tem os velhos supercílios!

Por que guardas bem a cheirosa grinalda para a cinza ingrata?

Por ventura queres ser coberto com esta em sua lápide coroada?

Põe o vinho puro e os dados. Pereça aquele que se preocupa com o amanhã!"

"A morte, aproximando-se da orelha, diz: vivei, pois eu venho."

Análise da poesia:

Verificamos que a poesia é um enaltecimento aos diversos prazeres que uma taberna pode oferecer aos transeuntes; estes prazeres são enumerados por uma taberneira denominada Surisca, provavelmente uma oriental que se estabeleceu em Roma. A poesia se justifica por dois aspectos importantes na existência do ser humano, enquadrando-se em um discurso da época, o choque entre a vida e a morte, isto é dado pela “conclusão” dos quatro últimos versos que a finalizam.

Podemos dividi-la em três partes principais: a primeira é constituída dos quatro primeiros versos que introduzem uma personagem, a taberneira Surisca; esta é descrita em trajes orientais (*caput graeca redimita mitella*, vv1) , em estado de embriaguez solicitando o primeiro prazer da poesia: a dança acompanhada de música, o sonoro e o corpo feminino, na época, são traços de elementos da cultura oriental, visto que a mulher romana não dançava. A dança lasciva que ela executa coloca-a na posição de uma “prostituta”.

A segunda parte da poesia começa no quinto verso e estende-se até o verso 34. Esta parte pode ser subdividida em duas outras partes: uma primeira parte que se constitui do verso 5 ao verso 24 em que a taberneira enumera os diversos prazeres da vida e a outra que vai dos versos 25 ao 34, nesta parte a taberneira convoca o sacerdote de Cibele a entrar na taberna e começa a oferecer-lhe diversas possibilidades para seu deleite.

Analisaremos a primeira subparte em que há uma enumeração vastíssima de elementos que podem constituir o prazer para qualquer “cliente” da taberna.

Surisca introduz seu tema com duas perguntas, a primeira que não é retórica se preenche de metáfora quando utiliza se do termo *aestivo...pulvere*, isto é, a poeira estival, que conota o trabalho, portanto é uma pergunta que visa a um público alvo (como fazem os comerciantes que compreendem profundamente os desejos de um cliente): os *defessi*. A segunda pergunta é uma pergunta retórica dirigida ao *defessus*. Nesta pergunta a taberneira utilizou-se de outra figura de linguagem, a metonímia, em *bibulo toro*, tratando-se de um leito para uma pessoa que bebeu muito.

Observa-se na enumeração dos diversos elementos que oferecem prazer são para todos os sentidos, o prazer para o ouvido como a rústica flauta do pastor que toca no Menálio aludindo a um ambiente bucólico, o

prazer natural de escutar um regato; o prazer degustativo é variadíssimo, a *vappa*, os queijos, as ameixas doces, nozes e castanhas, maçãs, as amoras e a uva, também o pepino; o prazer visual através dos jardins, dos fescos caramanchéis, da grinalda purpúrea que se mistura com rosas para enfeitar a cabeça do “cliente” para a festa, os lírios ,que não são de qualquer lugar mas do rio Aquelou, como um dom da natureza para o homem. Todos estes elementos descritos ricamente em detalhes com seus adjetivos que os qualificam para o prazer do “consumidor” contribuem para um pleno prazer dos sentidos, é a *sinestesia*, isto é, a junção de todos os prazeres e sentidos para o homem de vida plena.

Não poderiam faltar os deuses que abençoam esta festa dos prazeres: a deusa Ceres é a responsável pelos dons da terra trabalhada, é a mãe-terra provedora do homem; o deus Amor é o que dá e proporciona a vida através de sua força instintiva que torna a existência de cada coisa possível, também está presente o deus Baco por um de seus nomes, Bromio, isto é por que foi criado pela Ninfa Brome, este deus é que nos dá o prazer do vinho e “da transcendência do dia do trabalho para o dia da festa e ócio”. Não faltou também o deus Príapo, divindade protetora contra o mau olhar e que reflete literariamente um ambiente bucólico.

Por fim outro elemento religioso que aparece na poesia já faz parte da segunda subparte, o sacerdote de Cibele, este é um *Calybita*, um sacerdote “peregrinador de tabernas” que anda de taberna em taberna com seu burrico; trata-se de um elemento religioso oriental que penetra em Roma desde a Segunda Guerra Púnica , quando o senado trouxe o culto oriental de Cibele para Roma.

A segunda subparte, como já foi dito, é a parte em que a taberneira convoca seu cliente a entrar na taberna e a usufruir dos seus prazeres. Ela solicita-o que poupe o burrico que o carrega, visto que este é “a delícia de Vesta” por tê-la salvo dos assaltos sexuais de Príapo. A estação enunciada nos versos 27 e 28 é o verão, momento de repouso após uma jornada de trabalho no campo ou na cidade. O luxo é aludido pela taberneira nos versos 29 e 30 através dos tipos de copos que compõem a mesa , um *prolue* ou um *calix crystalli*, materiais geralmente importados, como o primeiro de Alexandria. Nesta “festa do prazer” não pode faltar o enfeite da fita rósea e a companhia de uma mulher, com seus beijos, para os prazeres do sexo. Por fim a taberneira conclui esta parte com uma metáfora “Pereça, aquele que tem os velhos supercílios! (vv.34)”: estes “velhos

supercílios” são os semblantes da face do velho *mos maiorum* romano, em que o prazer e o luxo são abnegados em prol de uma vida simples, rústica, parcimoniosa, dedicada à pátria e ao acúmulo de bens de geração para geração.

A última parte (vv.35 a vv.38) reflete sobre a condição de vida do homem, sob seu tempo e convoca-nos a vivermos os prazeres enquanto vivos, pois a morte chegará um dia. A ironia se faz presente nos versos 35 e 36 quando a taberneira pergunta para que guardar as grinaldas que enfeitam a cabeça do homem em festa, para o funeral? Pois este enfeite faz parte destes dois momentos da vida do homem, na festa e no funeral.

Conclusão

Para concluir podemos afirmar que esta poesia, escrita provavelmente no século I a.C. (atribuída a Vergílio pelo gramático Carisius), reflete o que Jean-Noël Robert afirma em seu livro *Os Prazeres em Roma*, sobre a sociedade romana nesta época:

A busca dos prazeres constitui a preocupação principal dos romanos do final da República e do Império. Eles rejeitam a pressão da moral e da política cujas elocubrações lhes parecem artificiais e entorpecedoras para a satisfação dos desejos naturais do homem. A filosofia popular já proclamava: a vida é curta, é preciso aproveitá-la.(pg.6)

Toda poesia se estrutura em torno deste tema e esta perspectiva sobre a existência se faz presente em cada verso onde cada prazer é solicitado pela taberneira em uma sinestesia completa.

A leitura nela se contrapõe à velha filosofia de vida romana que refletia uma sociedade de camponês e soldado: “trabalho obstinado, frugalidade e austeridade constituíam as três principais regras de vida desses homens...” (idem, pg.16).

A influência oriental se faz presente, como podemos constatar pela própria figura da taberneira. O que há agora em Roma é uma massa populacional diversa da antiga, um novo estilo de vida e uma nova sociedade se forma com os benefícios materiais da conquista oriental. Filosofias como o Epicurismo, que propunha uma busca do bem-estar através da eliminação da dor, a busca pelo prazer natural que proporciona ao homem a ausência da dor. São estes os elementos que contribuem para a confecção do discusso de *Copa*.

Bibliografia:

- DE CLIMENT, Mariano Bassols. *Sintaxis latina*. 10.ed. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1992.
- FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português*. 4ed. Rio de Janeiro: MEC, s.d.
- GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. 2ed. Linda a Velha: DIFEL, s.d.
- ROBERT, Jean-Noël. *Os Prazeres em Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- FERREIRA, Antônio Gomes. *Dicionário de latim-português*. Porto: Porto Editora, 1996.
- VIRGIL. *The minor pems*. London: The Loeb Classical Library, 1986.